

DEUS NÃO ESTÁ MORTO

GOD IS NOT DEAD

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior¹



RESUMO

Os três filmes da franquia “Deus não está morto” trazem a oportunidade de se discutir a presença pública da religião na sociedade contemporânea. Mas ao abordarem o tema por um viés religioso enfraquecem o argumento. A forma como a religião se apresenta nos filmes como pretensos produtos artísticos já é por si só uma denúncia das dificuldades a serem enfrentadas. O caráter apologético dos dois primeiros filmes traz um ar antiquado de debates não atualizados. O terceiro filme, sob outra direção, supera alguns dos problemas dos dois primeiros e avança na possibilidade de uma autocrítica da religião no mundo moderno.

Palavras chave: Esfera Pública da religião. Intolerância. Religião no Cinema.

ABSTRACT

The three films of “God’s not dead” franchising bring the opportunity to discuss the public presence of religion in contemporary society. Nevertheless, to approach this theme by a religious perspective they awaken the argument. The way as religion presents itself in these films, as supposed artistic products is in itself a denunciation about the difficulties to be faced. The apologetic character of the two first films has an old fashioned air of not updated debates. The third film, under another direction, overcome some of those problems presented in the two first and go further in the possibility of a religious auto critic in the Modern world.

Keywords: Religious public sphere. Intolerance. Religion and Cinema.

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP, com pós-doutorado na *Università Degli Study di Padova*, Editor da CRONOS. Endereço CV Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4767289H0>. Email: orivaldojr@yahoo.com.br

SINOPSES:

Deus Não Está Morto (*God's Not Dead*), Dirigido por: Harold Cronk, EUA, 2014. Drama, 113 min, colorido.²

Josh Wheaton é um jovem estudante universitário habituado a viver segundo os preceitos cristãos. A sua fé é inabalável e sempre lhe mostrou o caminho para a vida. Um dia, numa aula de Filosofia, vê-se numa discussão acesa com o professor Jeffrey Radisson, um ateu convicto que, irritado com a devoção de Josh, o desafia a comprovar a existência de Deus. Inicia-se assim uma batalha intelectual entre professor e aluno, que se mostram dispostos a tudo para justificar o seu ponto de vista e a provar ao outro a falsidade dos seus argumentos.³

Deus Não Está Morto 2

Quando Grace (Melissa Joan Hart), uma professora cristã, é questionada por sua aluna Brooke (Hayley Orrantia) sobre Jesus dentro da sala de aula, sua resposta inicia uma perseguição ao direito à crença. Sua fé é colocada à prova ao enfrentar um processo judicial épico que poderá custar-lhe a carreira que ela ama e expulsar Deus da sala de aula de uma vez por todas. *God's Not Dead 2* (*Deus Não Está Morto 2*) é um filme de drama da indústria cinematográfica cristã de 2016, dirigido por Harold Cronk e estrelado por Melissa Joan Hart, Jesse Metcalfe, David A. R. White, Hayley Orrantia e Sadie Robertson. É a sequência do filme homônimo, que foi lançado em 2014⁴.

Deus Não Está Morto 3: Uma Luz na Escuridão

Pastor Dave enfrenta uma tragédia inimaginável de ter sua igreja, localizada no terreno da

universidade Hadleigh, queimada num suposto ato terrorista. Os líderes da Universidade usam a tragédia para expulsar a congregação do campus. Isso força a igreja a defender seus direitos e reagrupa dois irmãos que trazem feridas abertas, forçando-os a enfrentar as questões que os separaram. Mesmo nos vales mais escuros, uma pequena chama pode iluminar o caminho para a cura e a esperança. John Corbett (*Sex and the City*) é o ator mais conhecido do novo elenco. Harold Cronk, diretor do longa original e da primeira continuação, é substituído pelo estreante Michael Mason. Estreou no Brasil em 30 de agosto de 2018⁵.

A RELIGIÃO NO CINEMA

A interação entre o universo mítico-religioso e o universo estético-artístico é muito antiga, quase original, e extremamente fecunda. No que tange ao cinema propriamente dito, fica impossível elaborar uma lista de tantos filmes como “Os dez mandamentos” (Cecil B. DeMille, 1956), “Jesus Cristo Superstar” (Norman Jewison, 1973), “A paixão segundo São Mateus” (Pier Paolo Pasolini, 1964), “A última tentação de Cristo” (Martin Scorsese, 1988) etc. etc. Que os diretores desses filmes tenham tido motivações religiosas ao realizarem seus filmes, o que parece improvável, tais motivações não atropelaram a liberdade estética de seu labor.

Por outro lado, quando vemos filmes como “A paixão de Cristo” (Mel Gibson, 2004) e “Os dez mandamentos” (Alexandre Avancini, 2016) percebemos claras indicações de que motivações religiosas interferiram em sua produção. O problema maior nesses casos

² Ver Fichas Técnicas no final do artigo.

³ Adaptado de: http://cinecartaz.publico.pt/Filme/352867_deus-nao-esta-morto. Acesso em: 24 out. 2017).

⁴ Adaptado de: https://pt.wikipedia.org/wiki/God%27s_Not_Dead_2. Acesso em: 31 jan. 2019.

⁵ Adaptado de: https://www.imdb.com/title/tt6652708/?ref_=fn_al_tt_1. Acesso em: 31 jan. 2019.

não é a interferência estética causada pela intenção propagandístico-religiosa, visto que o diretor consegue fazer o deslocamento artístico dos signos, mas seu comprometimento político com uma estética da violência, para a qual, de certa maneira, conclama a devoção cristã. A paixão de Cristo, que segundo pensadores como René Girard (2015) foi uma forma de deslegitimação de toda violência, acaba servindo para o oposto do ato religioso em si. Esse tipo de manipulação do fervor religioso tem servido ao longo da história, e de modo notável no Brasil atual para uma apologia cristã à violência. Esse caso em especial, mostra o quanto a inclusão de um debate de caráter teológico, fruto de uma compreensão de fé, numa obra supostamente artística em si mesma, desloca a discussão do filme em si para o outro andar subterrâneo do debate religioso em pauta. A propaganda religiosa num filme será sempre e inevitavelmente uma propaganda particular, sujeita a críticas que estão ausentes do debate estético como tal, mas que se confundem na mistura dos patamares envolvidos.

Será que isso se restringe à inserção de elementos de uma configuração particular da fé numa obra artística (filme, no caso)? Filmes que exaltam uma estética da violência, e que de certa forma promovem a violência como tal, mesmo que não recorram a símbolos e crenças religiosos, não estariam fazendo a mesma coisa? Essas são as questões que a análise dos filmes da franquia “Deus não está morto” procura levantar.

DEUS NÃO ESTÁ MORTO 1

O filme em questão foi feito dentro das regras estéticas, e com a devida mobilização

da capacidade que cada um dos agentes envolvidos na sua produção dispunha, gerando uma peça supostamente estética, e sujeita a uma apreciação nesses termos. Porém, ao se tornar um instrumento de proclamação e defesa da fé cristã – numa *determinada configuração*, o filme se exclui dessa possibilidade de avaliação, passando a ser apreciado quanto a sua competência apologética.

Em certo sentido, podemos dizer que se trata de um blefe, um engodo, pois uma pessoa vai ao cinema para ver um filme, ou o assiste na Netflix pensando ser um filme, e se depara com um libelo apologético. Portanto, não por ser melhor ou pior esteticamente, por reproduzir uma ideia repulsiva ou interessante, mas por ser uma fraude é que este é um dos piores filmes que eu já vi.

Acho importante pontuar que não me identifico com o ateísmo militante do professor de filosofia Jeffrey Radisson (Kevin Sorbo), apesar de ser professor de epistemologia. Também não me identifico com o jovem e crente Josh Wheaton (Shane Harper) apesar de ser cristão, ser pastor batista, e ter sido um jovem muito fervoroso em minha fé. Pelo menos, não me identifico com o jovem por sua militância religiosa, que esbarra na incongruência de afirmar a impossibilidade de negar a existência de Deus, o que eu concordo, e ao mesmo tempo defender os argumentos por sua existência.

No entanto, me identifico pelo simbolismo desse personagem, que aparece como um pequeno “Davi” enfrentando seu “Golias” poderoso e ateu na sala de aula, pelo fato dele se posicionar sozinho contra um pensamento autoritário. Acho que ele, mesmo que fosse um agnóstico, deveria ter se levantado e dito não ao fascismo pedagógico do professor. Isso não se trata de negar a morte de Deus, e sim afirmá-la no sentido nietzschiano de que não podemos

aceitar verdades absolutas divinizadas como a do professor, que na prática age como o deus da metafísica que, felizmente, já morreu.

Fico tentado a cair na provocação do filme e discuti-lo teologicamente, isto é, debater certas perspectivas trazidas. Por exemplo, é interessante o modo como o filme define um teísta: alguém que não apenas crê em Deus, mas que necessariamente deve crer de um modo determinado, caso contrário é melhor ficar sem crer mesmo. Outra questão: o tipo de soteriologia cristã (o modo como se define uma pessoa salva) apresentada no filme, tida como a standard de todos os crentes, é extremamente situada no tempo e no espaço, isto é, na religiosidade evangélica norte-americana contemporânea. Talvez essa delimitação geográfica seja inadequada, pois ela se espalhou por todo o planeta, e em alguns lugares fora dos Estados Unidos ela tem adotado um formato mais real que a do rei. No entanto, o foco são os Estados Unidos onde o filme acontece, e ali adquire status de senso comum⁶.

Entretanto, não creio que devamos aqui aceitar essa provocação. Uma discussão dessa natureza ficaria muito bem num seminário, faculdade teológica ou curso de Ciência(s) da Religião. Se uma ideia teológica, política, filosófica, biológica... ou qualquer que seja é repassada por um filme, ela pode e deve ser discutida nos âmbitos apropriados, mas não enquanto determinante estética da obra. Por exemplo, a trilogia *Matrix* de Lilly e Lana Wachowski gerou uma enormidade de artigos, livros e debates no âmbito filosófico, psicanalítico, sociológico, político, tecnológico

etc., mas nenhum desses debates acrescenta ou diminui um milímetro do filme enquanto obra de arte. Certamente que na prática é impossível fazer um corte purificador entre os dois tipos de discussão: a mensagem, e a estética, *mas se amamos ou detestamos um filme somente pelas ideias que abriga, não estamos sendo honestos com ele enquanto obra de arte.*

Nesse caso é necessário fazer um esforço para não cair em debates teológicos, embora para isso o filme possa ser um pouco útil, e até deva ser aproveitado criticamente. Isso porque, no meu entendimento, um debate teológico aqui seria interno a uma comunidade de fé, e para fazê-lo publicamente só seria possível se fosse colocada entre parêntesis (no sentido fenomenológico) a crença na revelação. Isso feito, as questões teológicas adquiririam um status cultural localizado, e passariam a ser discutidas no sentido que possuem para as pessoas que as adotam.

O mesmo eu diria com relação à missão principal à qual o filme se propõe que é de defender o direito à crença, e à sua manifestação no espaço acadêmico. Trata-se de uma questão existencial humana, de interesse público e universal, e que, portanto, se enquadraria perfeitamente no contexto de uma obra de arte. É muito interessante a lista apresentada nos créditos do final do filme das ações movidas em universidades norte-americanas contra e a favor do direito de manifestar sua fé numa sala de aula. Se fosse só isso, teria um certo apelo, e poderia inclusive ser pensado e dirigido por qualquer diretor independentemente da fé ou não fé que professasse. É um debate interessante, e provavelmente muitas injustiças, preconceitos e manifestações de intolerância tem acontecido. Mas não é isso que ocorre, e sim uma apologia a favor do teísmo enquanto

⁶ Essa expressão aqui nada tem de pejorativo como sendo um senso carente de racionalidade, mas no sentido de ser um senso tão generalizado num dado ambiente que adquire status de verdade indiscutível.

tal, e dentro de um determinado formato. O teísmo do pai muçulmano que aparece no filme, por exemplo, não vale.

Gilles Deleuze (2010, p. 38) disse que “as atrizes medíocres tem a necessidade de chorar para indicar que seu papel comporta a dor”, e eu extrapolaria essa frase dizendo que “um mal filme tem que defender a existência de Deus para mostrar a necessidade de liberdade da crença”. Essa foi a armadilha, ou o caminho fácil em que o filme caiu.

Mas não é só isso que o faz ruim, existem outros pecados (desculpem o trocadilho) decorrentes dessa Queda original: em primeiro lugar, encontramos uma caricaturização exagerada dos personagens. O Prof. ateu é, como se diz no Nordeste, “o cão chupando uma manga”: grosseiro, autoritário, incoerente, machista, superficial, arrogante... Parece até com as figuras medievais (e não só medievais) do Diabo, ou do bicho-papão: pintado de uma forma tão horripilante que todos deveriam odiá-lo. De lá para cá, o cinema transformou isso num clichê, do qual nosso filme não soube escapar. Acionada a fórmula, o script já está determinado: maldades, mau-caratismo, derrota final.

É inaceitável outro clichê perigosíssimo: os povos de tradição islâmica são convocados para acionar sua crueldade contra os perseguidos cristãos. Sei que perseguição a cristãos e até martírio existem em muitos lugares, infelizmente. Um mal que deve ser combatido juntamente com todas as formas de perseguição religiosa, inclusive contra o Islã, e contra as religiões de matriz africana, entre outras. Como também deve ser combatida a perseguição contra aqueles que fizeram uma opção pelo ateísmo. As escolhas de crença, desde que não impliquem no dano a outras pessoas, animais, meio ambiente,

obras artísticas ou religiosas, não podem ser criminalizadas. Se o filme fosse por aí, pelo menos no que tange às ideias que apresenta, seria um pouco melhor.

Por outro lado, coloca na condição de herói um empresário cristão, Willie Robertson, chefe da Duck Dynasty, um programa de *reality show*, com evidentes opções direitistas. A tentativa da pobre repórter devastada pela notícia de estar com câncer e de ter, ainda por cima, perdido seu namorado, de fazer uma reportagem crítica contra o empresário termina num candente testemunho cristão por parte dele. No final, Willie reaparece em off ao se congratular com a banda de “*Christian Rock*”, e com o herói da sala de aula na “defesa de Deus”. A banda em questão é *The Newsboys*, que curiosamente nas legendas é chamada de uma banda “Gospel”, reforçando um equívoco produzido no Brasil: a música Gospel, como estilo de música popular e secular norte-americana, é uma música que usa temas e ideias do mundo religioso cristão, mas que é produzida e executada no âmbito profano. No Brasil acontece justamente o contrário: uma música profana no formato ou até mesmo na letra, e que é utilizada no ambiente religioso.

O filme aqui avaliado é um típico filme “gospel” no sentido em que a banda *The Newsboys* é uma banda “gospel” conforme o emprego dessa palavra no Brasil: em vez de produzir uma peça cultural profana com material sagrado, o filme e a música gospel brasileira produzem peças sagradas com material profano⁷. Ao terminar o filme com a banda *The Newsboys*, o diretor está assinando sua obra como um *Christian film*, do

⁷ Giorgio Agamben desenvolve o conceito de “profanação” no livro *Profanações* (2007). Aqui temos o inverso, uma des-profanação.

mesmo modo que a banda toca um *Christian Rock*. Menos mal, pois o diretor e a banda sabem que estão produzindo uma obra para o consumo religioso com material originariamente secular.

No entanto, a divulgação, o modo de exibição, a presença na Netflix... dão a entender que se trata de um filme *Gospel* no sentido original da palavra, isto é, um suposto produto profano com uma roupagem religiosa. Isso não significa que algo produzido como uma peça feita com intenção religiosa, para um público religioso, num ambiente religioso não possa ser uma obra artística. Uma cantata de Johann Sebastian Bach, por exemplo, nunca teve a intenção de ser uma “profanação” da fé cristã, até mesmo porque as obras sacras barrocas eram produzidas num ambiente quase que exclusivamente religioso, isto é, não havia uma distinção clara entre os ambientes. Entretanto, ao se ouvir ou se executar uma cantata religiosa de Bach hoje em dia, não se está fazendo necessariamente com uma motivação religiosa, mas estética. Elas podem ser executadas em igrejas com conotação estética e religiosa, ou em salas de concerto com conotação puramente estética⁸.

O problema é que o filme foi feito como uma obra profana e, no entanto, se trata de uma obra religiosa disfarçada. Para ficar no exemplo dado no parágrafo anterior, é como se Bach fizesse uma música para ser

executada num café ou numa sala de concerto e ele se aproveitasse para transmitir aos ouvintes uma mensagem religiosa. Isso talvez não fosse encarado de modo estranho no início do século XVIII, mas no final, quando o Iluminismo se impunha, já não seria muito bem aceito.

Além disso, o filme é ruim porque apresenta uma trama maniqueísta que provoca antipatias e simpatias, desfazendo a humanidade das pessoas ao remover suas ambiguidades e incertezas. Grupos protestantes, fundamentalistas ou não, tem produzido filmes desse tipo há muito tempo, e quando tem chances de exibí-los em escolas, ou acampamentos e igrejas, o fazem com a intenção de produzir conversões. Certamente que alguns desses filmes são mais eficientes nisso do que outros. Alguns são muito sutis e poderiam muito bem circular na esfera pública, mas outros chegam a ser grosseiros. Isso, no entanto, está fora de uma avaliação artística ou mesmo técnica, pois são filmes “de uso interno”, isto é, feitos para a esfera privada, devendo, portanto, ser avaliados primariamente nesse escopo. Se vierem a ser apreciados e divulgados em qualquer ambiente por seus méritos próprios isso é ótimo, porém o deslocamento⁹ destitui a intenção original, sem remover de todo seu conteúdo. Novamente o exemplo das cantatas de Bach que tocadas numa sala de concerto produzem um efeito de prazer estético, mas também familiarizam os ouvintes com a mensagem religiosa original.

Quando um filme se propõe a ser uma peça pública, mas se presta a uma função propagandística ou apologética, e passa a ser avaliado sob referenciais públicos, ele

⁸ Tive o privilégio de ver a execução de uma cantata de Bach numa igreja luterana em Nova York no ano 2000, e saí enriquecido tanto estética como espiritualmente. Muito antes, em meados dos anos 1970, assisti uma apresentação da Paixão Segundo São João no teatro São Pedro na cidade de São Paulo (muitos santos!), sob a execução de um maestro convidado, o qual pediu ao auditório que não aplaudisse no final, pois tratava-se de uma obra religiosa.

⁹ Para o conceito de “deslocamento”, ver Latour (2012).

provoca um curto-circuito interpretativo difícil de superar. É uma coisa completamente diferente quando uma música do U2 faz referência à fé cristã sem, no entanto, perder a carga estética bem situada que tal referência tem no contexto. O mesmo pode-se dizer de centenas de músicas populares brasileiras que utilizam elementos do candomblé e produzem obras válidas em si mesmas, sem que exijam do ouvinte semelhante crença. Infelizmente, perdeu-se aqui uma boa oportunidade de se produzir algo que fecundasse discussões no âmbito público em troca de se produzir um filme “doméstico”.

Apesar do fracasso perante a crítica, o filme foi um sucesso comercial, tendo sido feito com 2 milhões de dólares e arrecadado 110, sendo o mais lucrativo filme de 2014¹⁰. No Brasil foi distribuído pela Igreja Internacional da Graça de Deus, acentuando ainda mais seu caráter propagandístico e privado, mas que por aqui não significa muita coisa.

DEUS NÃO ESTÁ MORTO 2

Não existem mudanças substanciais entre o 1º e o 2º filme da franquia no que tange ao blefe de se fazer um filme com uma intenção propagandística da fé mas dar a ele uma aparência de uma obra artística como tal. As mesmas críticas se aplicam aqui, só que outras se agregam, como de praxe ocorrem em sequências. O exemplo mais claro dessa estratégia é a inserção de Pat Boone, um cantor evangélico que fez muito sucesso nos anos 1970 como esposo da protagonista central. Ela comenta numa conversa no sofá

de seu lar sobre o sofrimento que Brooke, sua aluna, está passando, e ele sem qualquer contexto para isso diz: “este é o problema com o ateísmo”. Um momento do mais puro *merchandising* religioso que, como todo *merchandising*, ofende uma obra ficcional, supostamente artística.

Ao longo do filme pipocam citações bíblicas *ipsis literis* que se constituem em enorme dificuldade para os atores e as atrizes falarem, pois carecem de naturalidade. Nem todos são maus atores ou más atrizes, mas ter que encaixar uma citação exata da Bíblia, ou mesmo de outro livro, no meio de uma fala é praticamente impossível para qualquer atriz ou ator.

Destaco a presença do ator Ray Wise como o promotor Peter Kane, um grande ator que sofre o problema de uma direção que não está a sua altura e que, como resultado, a transforma numa caricatura da maldade, com direito a risadinhas maliciosas, e uma frase bombástica totalmente fora de contexto: “- Vamos provar de uma vez por todas que Deus não está morto”. Esse papel maligno foi desempenhado pelo Prof. Radisson no primeiro filme, com os mesmos clichês. Essa tendência de insinuar certa malignidade diabólica num personagem que representa o ataque à fé mostra não só o dualismo tão característico do primeiro filme, mas a ideia que o mal do sistema está nas pessoas que dele se servem, e não nele próprio.

A vítima com a qual todos somos induzidos a nos simpatizar neste filme não é um aluno universitário massacrado por um tirano ateu, mas uma professora do ensino médio vítima de um sistema injusto. A arena do enfrentamento das forças teístas e ateístas é o indefectível tribunal americano. Deve ser mais fácil contar quantos filmes americanos não tem uma cena de tribunal do que os que tem. É

¹⁰ https://pt.wikipedia.org/wiki/Deus_N%C3%A3o_Est%C3%A1_Morto

bonito ver o orgulho do povo norte-americano de seu sistema jurídico, especialmente quando vivemos um caos nessa área no Brasil. Outra coisa bonita no filme é ver a intensidade das manifestações públicas de posições políticas diversas: pontos para a democracia.

O que está em julgamento é uma questão aparentemente legal acerca da permissão ou não de um professor fazer uma declaração de fé em sala de aula. Pelo que tudo indica, a liberdade de cátedra não existe nos Estados Unidos, e a escola sem partido (no caso religião) lá alcançou seus objetivos. Isso não me parece muito plausível, de modo que, penso ter sido apenas um pretexto para colocar no banco dos réus o próprio teísmo.

Como desfile de métodos apologéticos, o recurso até que é interessante, mas destrói o clima ficcional do filme. A questão à qual o defensor da professora se apegava – aliás, uma nota positiva para o filme ter colocado como defensor um advogado agnóstico – é de que, sendo Jesus um personagem histórico, não é crime algum qualquer citação de seu nome ou seus dizeres numa sala de aula. Não foi dito, mas eu acrescentaria que mesmo que não houvesse qualquer comprovante histórico da existência de Jesus, seus ditos e ações vem afetando todo o planeta por milhares de anos, e isso sim é um fato mais contundente do que qualquer suposta certeza de sua existência.

De qualquer forma, a apologética, isto é, o acionamento de cientistas e historiadores, pensadores e filósofos para a demonstração inequívoca da verdade cristã, tudo feito num tribunal, coloca a religião em geral e o cristianismo em particular numa situação desconfortável. Sua veracidade espiritual está sujeita a uma validação científica e judicial.

Sempre que um filme americano utiliza-se de um tribunal, já sabemos que tudo

vai caminhar para um impasse insolúvel para o protagonista, seguido de uma solução inesperada que cai do céu (novo trocadilho). Geralmente é uma testemunha nova, a revelação de uma mentira, uma nova denúncia etc. Neste filme a solução inesperada foi a inversão da atitude do advogado de defesa. O recurso foi usado com uma dramaticidade um tanto exagerada, mas cumpriu bem o papel climático, de modo que o bem vence o mal e a conclusão é que “Deus não está morto”.

No final, uma questão que vem sendo alinhavada desde a metade do filme produz um anticlímax que serve de gancho para o próximo filme da franquia. Trata-se, na verdade, de uma questão muito implausível numa sociedade minimamente democrática: os pastores são obrigados a levar num escritório governamental as transcrições de todos os seus sermões pregados naquele mês. O Pastor Dave se recusa a entregar as transcrições e é preso assim que chega do hospital, e o filme termina. Há aqui uma denúncia um tanto estapafúrdia de que aquela sociedade está caminhando para um totalitarismo ateu, e que os cristãos precisam se precaver e lutar. Aliás, a frase “Estamos em guerra”, é dita explicitamente no filme. Difícil dizer quem nessa guerra está atacando quem: a religião cristã ou a democracia.

DEUS NÃO ESTÁ MORTO 3: UMA LUZ NA ESCURIDÃO

Antes de assistir o terceiro filme da franquia, dei um passeio nos sites da internet que falavam sobre ele e os anteriores. Impressiona a quantidade de notícias e propagandas veiculadas por igrejas evangélicas e organizações

“gospel” sobre as estreias dos três filmes, além de outras informações. Aparentemente há um “crescendo” no número desses sites nos anos de 2014, 2016 e 2018, mas não fiz uma contagem demonstrativa.

Com o gancho do final do filme 2, e os sites que proliferaram em 2018 para anunciar o 3, fiz um quadro mental prévio de como ele seria, mesmo antes de assisti-lo. É notório o papel que os evangélicos tiveram na eleição de Bolsonaro em 2018 (68% dos evangélicos votaram nesse candidato), e o clima de perseguição contra os cristãos que marcou o final do filme 2 (2016), parecia-me que a série teria tido um papel razoável, embora não determinante, na configuração desse estado de coisas.

Fui então assistir o terceiro filme, e me deparei com algo que me surpreendeu bastante. Isso se deve certamente pela mudança do diretor: os dois primeiros filmes por Harold Crok, e o terceiro por Michael Mason. De modo que o terceiro filme adquiriu uma vitalidade inusitada, e dificilmente poderia ser enquadrado nos absurdos de terceiras sequências tão encontrados na indústria cinematográfica¹¹.

Sem perder a plausibilidade, o filme adquire um tom mais ficcional, e uma dramaticidade bem mais autêntica do que os *white men's problems* dos dois anteriores. A fé não é apresentada de modo dualista entre os que a tem e os que não tem. As pessoas de fé estão em crise, e as que não tem fé também estão em crise, e o modo de solucionar suas respectivas crises não é religiosamente condicionado. Por incrível que pareça, este terceiro filme da franquia foi o melhor.

Claro que continuam os clichês tradicionais: o campo de batalha é sempre o campus

acadêmico. Isso me lembra um livro que ficou famoso nos anos 1980 no meio evangélico de uma ficção angelical com suposta base bíblica e que mostrava a guerra invisível que está acontecendo paralelamente à guerra visível. Trata-se do “Este mundo tenebroso” (I e II) de Frank Peretti (Editora Vida), o qual descreve no primeiro volume uma reunião de demônios prontos para possuírem suas vítimas acontecendo nos porões do departamento de ciências humanas de uma universidade. Não é à toa que o atual governo brasileiro, que tanto deve aos evangélicos, tenha escolhido as universidades como inimigas a serem atacadas.

A grande questão é se os cristãos devem lutar ou não por seus direitos na sociedade. Essa é uma questão que envolve muitos aspectos que não são suficientemente discutidos no filme, e que podem gerar conclusões pouco democráticas e justas. Lutar por seus direitos não é uma questão de escolha quando a agressão a esses direitos implica uma agressão aos direitos humanos como tais. Calar-se pode significar o apoio velado a toda sorte de abusos nas mais diversas áreas.

A questão enfocada no filme é o conceito de “lutar”. Enquanto a opção era a luta jurídica o advogado, irmão do Pastor Dave, afastado da religião, estava junto. Quando se torna cada vez mais uma luta de força física com agressões de parte a parte, o advogado cai fora, e o caminho jurídico explorado no filme 2 é também abandonado.

Numa conversa, um pastor negro diz ao Dave: “– não podemos pagar o ódio com mais ódio. Precisamos ser luz na escuridão”. Essa frase se torna o nome do filme, demonstrando o quanto ela ocupa lugar central na argumentação. Isso desarma o protagonista que se abre para uma nova experiência espiritual que o conduz a uma solução surpreendente

¹¹ Para mim, o exemplo mais contundente desse princípio é “Os Deuses devem estar loucos 3”.

do emaranhado de conflitos tão bem construído no filme.

O templo queimado que fica incrustado no meio de uma universidade secular é o objeto central da polêmica, e a luta por esse templo é a própria luta pelo lugar da religião na esfera pública, aqui representada pela Universidade. A solução trazida pelo filme surpreende porque não é a solução tradicional, e é, do meu ponto de vista, a melhor definição do lugar da religião na sociedade contemporânea. A associação de Deus a um espaço delimitado me parece mais com um engaiolamento do que com uma vitória, mesmo que simbólica. Especialmente quando esse lugar é restringido a uma visão particular de Deus.

A universidade na qual leciono tem uma bela capela cristã. Durante anos, os cristãos não católicos lutamos para que a capela fosse, pelo menos ecumênica, isto é, que abrangesse todas as manifestações cristãs da cidade. Isso foi conquistado, e eu mesmo fui capelão protestante por vários anos. Entretanto, ainda existem passos a serem dados no sentido de desvincular a capela a uma manifestação religiosa apenas cristã. Os atos ecumênicos já incluem celebrantes não cristãos, mas até hoje não foi realizado ali nenhum rito exclusivamente não cristão, e eu me pergunto: qual seria a reação dos cristãos se isso acontecesse?

A questão que mais me incomoda, no entanto é: será que eu gostei mais desse filme do que dos anteriores porque a solução tenha me agradado mais? Isso me trouxe o seguinte questionamento pessoal: os dois filmes eram mais inadequados do que este porque na linha de argumentação que eu vinha seguindo, eu acredito mais na sugestão trazida pelo terceiro? Em outras palavras, será que estou

adotando um critério teológico específico para dizer se um filme é bom ou ruim?

Primeiramente devemos aceitar o fato de que a visão de mundo de cada pessoa é o resultado do conjunto de suas experiências, incluindo as religiosas. Porém, mais do que um argumento subjetivo, gostaria de dizer que não se trata aqui do fato do filme três ter trazido uma solução de natureza teológica (embora tenha aspectos teológicos), mas de uma solução mais condizente com a ordem pública. São valores objetivos que podem ser discutidos por religiosos das mais diversas tradições e não religiosos em geral. Refiro-me especificamente à tolerância dos religiosos para com os não religiosos, a disposição de fazer valer em ações aquilo que defendem com palavras, a busca por soluções irenistas, o diálogo aberto etc. Por isso que o filme três se constitui, na minha maneira de ver, uma crítica aos dois anteriores, e uma ampliação considerável do alcance da religião na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

CASANOVA, José. **Public Religion in the Modern World**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

DELEUZE, G. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

GIRARD, René; VATTIMO, Gianni. **Verità o fede debole?** Dialogo su cristianesimo e relativismo. Milano: Feltrinelli, 2015.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: EDUFBA, 2012.

LOPES JR., Orivaldo P. **O espelho de Procrusto: Ciência, Religião e Complexidade**. Natal: EDUFRN, 2013.

Ficha Técnica

Deus não está morto: Diretor: Harold Cronk; Roteiristas: Hunter Dennis, Chuck Konzelman, Cary Solomon. Elenco: Kevin Sorbo (Professor Radisson), Shane Harper (Josh Wheaton), David A.R. White (Reverendo Dave), Dean Cain (Marc Shelley), Willie Robertson (Willie Robertson), Korie Robertson (Korie Robertson), Hadeel Sittu (Ayisha), Paul Kwo (Martin Yip), Trisha LaFache (Amy), Cory Oliver (Mina), Benjamin A. Onyango (Reverendo Jude como Benjamin Oyango), Marco Khan (Misrab), Cassidy Gifford (Kara), Jesse Wang (Martin's Father), Lenore Banks (Mina's Mother), Russell Wolfe (Dr. Stevens), Alex Aristidis (Fahid), Michael Tait (Michael Tait), Jody Davis (Jody Davis), Jeff Frankenstein (Jeff Frankenstein), etc. Lançado nos cinemas norte-americanos em 21 de março de 2014 pela Pure Flix Entertainment e, em 21 de agosto do mesmo

ano, nos circuitos brasileiros pela Graça Filmes, distribuidora ligada à Igreja Internacional da Graça de Deus. Com um investimento de US\$ 2 milhões, o filme arrecadou mais de US\$ 110 milhões, sendo o mais lucrativo filme de 2014. Produção: Michael Scott, Russell Wolfe, Anna Zielinski. Edição; Vance Null; Companhias produtoras; Pure Flix Entertainment, Red Entertainment Group (extraído do IMDb).

Deus não está morto 2: Dirigido por Harold Cronk; roteiro: Chuck Konzelman, Cary Solomon; Elenco: Maria Canals-Barrera (Catherine Thawley - mãe de Brook); Pat Boone (Walter Wesley); Robin Givens (Principal Kinney); Melissa Joan Hart (Grace Wesley); Brad Heller (Advogado da Escola); Ernie Hudson (Juiz Robert Stennis); Hayley Orrantia (Brooke Thawley); Paul Kwo (Martin Yip); Trisha LaFache (Amy Ryan); Jon Lindstrom (Superintendente Jim Powell); Jesse Metcalfe

(Tom Endler); Benjamin A. Onyango (Rev. Jude como Benjamin Onyango); Sadie Robertson (Marlene); Carey Scott (Richard Thawley); Fred Dalton Thompson (Senior Pastor). Produced by Dan Campbell et. alli.; Musica Will Musser; Cinematografia: Brian Shanley; Editor: Vance Null, Wynton Payne; Casting: Billy DaMota e Dea Vise; Produção de Design: Mitchell Crisp. Ron Gell: Vice President International Sales & Distribution (extraído do IMDb).

Deus não está morto 3: Uma luz na escuridão. Diretor: Michael Mason; roteiro: Michael Mason, Howard Klausner (Pure Flix Entertainment). Elenco: Megan Alexander (Megan Alexander); Adeaja Rochele Anderson (Hadleigh Student #3); Carrlyn Bathe (Carrlyn Bathe); Lauren Taylor Berkman (Reporter #2); Bill Birch (Progressive Host); Samantha Boscarino (Keaton Young); Jennifer Cipolla (Sydney); Barry Clifton (Robert Andrews); Vaughn Collar (Edward 'Ed' Weis); John Corbett (Pearce Hill); Alex Cottrell (Harbor Kid #2); Alyson Courtney (Reporter); Berkeley Courtney-Moore (Kayla); Dean Denton (Police Officer); Rhonda Johnson Dents (Cecilia Mbaye). USA. Língua original: Inglês. Data de lançamento no Brasil: 30 de agosto de 2018. Duração: 105 min. Em cores.